

Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar

Luís Vitor de Castro Jr.¹

Pedro Rodolpho Jungers Abib²

José Santana Sobrinho³

Resumo Abstract

Esse trabalho pretende discutir a importância da Capoeira enquanto instrumento pedagógico de intervenção no âmbito da escola, priorizando um processo que enfatize a aquisição da auto-estima, autonomia e construção da identidade por parte dos alunos. Relata também a experiência do Festival de Capoeira da Escola, enquanto uma possibilidade de construção de um espaço de integração, formação, confraternização e aprendizagem voltado para os alunos das escolas públicas de Salvador.

The aim of this work is to discuss the importance of Capoeira as a pedagogical instrument at school, with emphasis on the learning of self respect, autonomy and the construction of a identity by the students. It also presents the experience of the Capoeira Festival at School, as a possibility of building a space for the integration, formation and learning of the students at the public schools of Salvador (Bahia – Brazil).

¹ Mestrando em Educação na Universidade Estadual da Bahia (INEB) , Professor do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Capoeirista.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) , Professor do Curso de Licenciatura em Educação Física (UFBA) e Capoeirista.

³ Professor de Ed. Física na Rede Estadual de Ensino da Bahia e da APAE - Camaçari(Ba) e Capoeirista

Introdução

Esse trabalho tem a intenção de abordar a CAPOEIRA como um importante instrumento de educação no âmbito escolar, seja ela desenvolvida como conteúdo da disciplina Educação Física ou como componente de projetos integrantes do currículo da escola, envolvendo outras disciplinas que possam possibilitar uma abordagem mais ampla a esse tema. Para tanto, se faz necessário considerá-la como conhecimento historicamente produzido, como fenômeno que estabelece relações com o movimento de complexidade e como manifestação da cultura corporal, reconstruída e resignificada a partir da oralidade cultural.

Portanto, estamos considerando a CAPOEIRA como uma expressão popular presente no contexto cultural da sociedade brasileira, que tem inúmeras nuances e possibilidades, e que materializa-se a partir do jogo na roda de capoeira. Logo, temos as primeiras questões: O que é jogo de capoeira? Em que consiste o jogo e quais são os elementos pedagógicos em uma roda de capoeira? Quais os valores sociais e históricos que permeiam um processo pedagógico que tem

como tema central a capoeira? Para tanto, consideramos muito da nossa prática pedagógica, do nosso trabalho desenvolvido nas escolas públicas, do convívio no universo da capoeiragem e da “escuta sensível” dos antigos mestres e estudiosos do assunto.

Esse trabalho pretende estabelecer pressupostos de intervenção político-pedagógica na escola, tendo como foco principal a CAPOEIRA, onde serão discutidos elementos históricos dessa manifestação cultural que a caracterizam enquanto luta pela libertação, enquanto símbolo de resistência contra os vários tipos de dominação, e também enquanto espaço para o exercício da cidadania, de construção da identidade, auto-estima e autonomia por parte de seus praticantes, constituindo-se dessa forma num riquíssimo processo pedagógico que prioriza uma educação libertadora e conscientizadora.

Pretendemos também relatar uma experiência que vem se consolidando nos últimos três anos na cidade de Salvador, como um espaço democrático e solidário onde crianças e adolescentes das escolas públicas têm a oportunidade de vivenciar a Capoeira numa dimensão lúdica e cooperativa, tendo

contato ainda com antigos e reconhecidos mestres dessa manifestação cultural que vêm compartilhar com eles, seu conhecimento e suas experiências no mundo capoeirístico. Trata-se do FESTIVAL DE CAPOEIRA DA ESCOLA, uma iniciativa da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, através da sua Gerência de Ensino Fundamental, e que foi pensado e implementado, nos seus moldes atuais, através da consultoria de um grupo de professores, dos quais dois são autores desse trabalho.

Capoeira e educação

É muito difícil encontrarmos alguém nesse país, que se mostre indiferente ao ouvir acordes de um berimbau ou a ressonância percussiva de um atabaque, pandeiro ou agogô. De uma forma até pouco racional, reagimos quase que instintivamente a esses estímulos manifestando através do nosso corpo, a identificação com esses símbolos que nos remetem às mais remotas origens da nossa civilização e, particularmente, ao berço de formação da nossa pluricultural nação brasileira.

Sabemos que ao longo da história do triste período que foi a

escravidão no Brasil, os brancos dominadores se valeram de inúmeras estratégias objetivando a divisão e o enfraquecimento por parte daqueles que chegavam da África, procurando evitar que esses negros, pertencentes a uma mesma cultura ou que falassem a mesma língua, se aglutinassem num mesmo local. Sobre isso comenta RIBEIRO(1995):

...a política de evitar a concentração de escravos oriundos de uma mesma etnia, nas mesmas propriedades, e até nos mesmos navios negreiros, impediu a formação de núcleos solidários que retivessem o patrimônio cultural africano (pg.115)

Isso fez com que famílias e grupos sociais inteiros fossem esfacelados, fazendo com que esses sujeitos perdessem, momentaneamente, seus referenciais, impossibilitando com isso que os mesmos se organizassem, tramando possíveis revoltas ou insurreições que pudessem desestabilizar o regime escravocrata.

Porém, o negro na condição de escravo nunca se submeteu totalmente à violência do branco, quer seja física ou simbólica, criando suas próprias estratégias de

resistência, sejam elas no âmbito de sua cultura original, onde conseguiram preservar aspectos da religiosidade, da música, da medicina, da culinária, da língua etc., seja no âmbito da própria luta pela libertação, onde a Capoeira exerceu papel fundamental.

Tendo a sua gênese num contexto extremamente violento, onde a luta pela liberdade e pela vida se fazia necessária, a Capoeira traz na sua essência esse caráter de revolta contra todo um sistema desumano e opressor. É a autêntica manifestação de um grito por libertação que vem da alma de um povo subjugado, que se apega às suas raízes para encontrar forças e continuar resistindo contra uma situação tão adversa.

Segundo REGO (1968), foram das regiões da África hoje conhecidas por Congo e Angola, com predominância da cultura Bantu, que vieram a maioria dos escravos trazidos para o nosso país, dizendo inclusive que “...*Angola foi para o Brasil o que o oxigênio é para os seres vivos*” e continua, citando Taunay e membros do

Conselho da Fazenda de D. João VI que diziam que “*Angola era o nervo das fábricas do Brasil*” (p.15), se referindo à importância da mão de obra escrava para todo o sistema produtivo e cultural do país.

Essa forte influência da cultura Bantu, acabou trazendo para o Brasil vários elementos ligados a rituais praticados por algumas tribos, entre eles o N'golo⁴, que somados a outros rituais provenientes da África, foram os ingredientes básicos para o surgimento da Capoeira.

Somente nos últimos anos é que a Capoeira vem ganhando status de atividade reconhecida no meio social, com a disseminação de academias e métodos de ensino por praticamente todas as regiões do Brasil, estando inclusive presente em diversos países do mundo, tendo sua imagem distanciada de uma prática considerada “marginal”, já que durante décadas, a prática da capoeiragem era considerada crime, constando inclusive no código penal brasileiro.

A utilização da Capoeira como instrumento pedagógico vem sendo,

⁴ N'Golo mais conhecido como a DANÇA DA ZEBRA, que ocorre durante a EFUNDULA, festa da puberdade das moças, quando essas deixam de ser MÚFICUEMAS (meninas), e passaram a condição de mulheres, aptas ao casamento e a procriação. O rapaz vencedor do N'GOLO tinha o direito de escolher a esposa entre as novas iniciadas. Era considerada a tradição da luta dos pés. (DECÂNIO FILHO, 1996).

principalmente na duas últimas décadas, um recurso de grande valia, estando ela presente tanto no currículos de escolas de 1^o e 2^o graus, como em boa parte das Faculdades de Educação Física, sem falar na sua presença enquanto disciplina optativa ou como prática desportiva em quase todas as Universidades do país. O grande número de projetos de atendimento a jovens e crianças carentes que utilizam a Capoeira como atividade lúdica e educativa, em quase todos os grandes centros urbanos do país, é uma demonstração clara do reconhecimento de seu valor pedagógico e da sua aceitação por parte desse público, como atividade altamente motivante, sensibilizadora e significativa.

Elementos lúdicos e agressivos, dança e batalha, vida e morte, medo e alegria, sagacidade, música, brincadeira, ancestralidade e ritualidade constituem o universo da Capoeira que a caracteriza como uma manifestação cultural difícil de ser definida num único conceito. Essa riqueza de significações, quando devidamente contextualizada e historicizada, dá à Capoeira uma identidade muito forte e profunda, construída através de toda uma história de luta por liberdade, e sobretudo pela afirmação de uma

cultura que se recusa a ser subjugada, embora muito se tenha feito em nosso país para que isso se concretizasse.

O que pudemos observar, a partir de alguns anos de experiência com processos pedagógicos envolvendo a Capoeira, sobretudo junto a crianças e adolescentes provenientes de um nível sócio-econômico mais baixo, é que um dos elementos que mais tem servido como indicador da importância desse trabalho, reside justamente na valorização da **identidade** e da **auto-estima** desses jovens (incluindo-se também aí os adultos) que ao se integrarem ao universo da Capoeira, começam a estabelecer uma relação mais próxima com a história de seu povo, de sua cultura e conseqüentemente, de sua idiosincrasia.

Através de letras de músicas que relatam esse passado de luta e sofrimento, da ritualidade presente nas rodas, que remete a toda uma tradição que é transmitida de geração em geração e do respeito à sabedoria popular encarnada na figura dos mestres mais antigos, podemos afirmar que o ambiente vivenciado pelo capoeirista é extremamente significativo no que diz respeito à vinculação deste com a memória social que lhe é transmitida como herança, a qual

não teria acesso por outros meios, dada à precariedade com que os aspectos ligados às tradições populares e a culturas dos povos historicamente subjugadas, são tratados pelos programas escolares e pelas instituições oficiais responsáveis pelos assuntos relativos à preservação da memória nacional.

Nesse sentido, devemos ressaltar a importância da história oral como fonte de transmissão desses conhecimentos e tradições, pois segundo BURKE (1992) “...toda história depende finalmente de seu propósito social, e a história oral é a que melhor reconstrói os particulares triviais das vidas das pessoas comuns” (p.192), fazendo com que os traços culturais que definem esse grupo social específico, favoreçam a construção da identidade cultural por parte dos jovens que têm, através da Capoeira, a oportunidade de se reconhecerem enquanto pertencentes a uma determinada cultura, cultura essa que é valorizada a partir da re-significação dos elementos que caracterizam a Capoeira não mais como “atividade marginal” ou “coisa de desocupados”, porém como expressão de um povo que se orgulha de sua história, de suas lutas e de seus

antepassados. Uma música muito cantada nas rodas, composta pelo capoeirista Luís Renato (Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1992), expressa com clareza esse sentimento:

As vezes me chamam de negro
pensando que vão me humilhar
Mas o que eles não sabem
é que só me fazem lembrar
que eu venho daquela raça
que lutou pra se libertar....

Que criou o Maculelê
que acreditava no Candomblé
que traz o sorriso no rosto
a ginga no corpo
e o samba no pé (p. 19)

Os aspectos culturais acima referidos, expressam uma inegável vinculação à cultura afro-brasileira, pois são justamente indivíduos pertencentes a essa etnia, os que mais têm sofrido no Brasil, as consequências de um processo desumano de exclusão social, herança do período escravocrata e proveniente de uma velada discriminação racial, ocultada sob o mito da nossa “democracia racial”, tão propalada mundo afora. Se não temos como negar que a grande maioria dos jovens em situação social de risco, são oriundos da raça negra, isso faz com que um projeto político-pedagógico

que proponha uma intervenção no âmbito escolar, sobretudo ao que atende o público mais carente, tenha que levar em conta o universo cultural afro-brasileiro, se quiser aproximar sua proposta pedagógica do contexto social desses indivíduos, e dar maior legitimidade a essa intervenção.

Todavia, por outro lado, a Capoeira enquanto privilegiado instrumento de educação, não pode se restringir somente ao universo da população oriunda da raça negra, sobretudo em se falando de trabalhos desenvolvidos em ambientes onde prevaleça a exclusão social, pois sabemos que existe também um número grande de indivíduos oriundos de outras etnias nessas condições. Nesse sentido é que a Capoeira assume um caráter universalizante, pois quando caracterizada enquanto símbolo de luta pela libertação, o próprio sentido de “liberdade” deve ser ampliado podendo desse modo, ser estendido a todo aquele que de uma forma ou de outra, se encontra numa situação de restrição aos seus direitos fundamentais enquanto cidadão. VIEIRA e FALCÃO (1997) expressam de forma interessante essa análise:

A propalada resistência cultural vinculada à Capoeira precisa se

adequar aos momentos atuais. A principal luta do capoeirista, nos dias de hoje, não deve ser contra um determinado feitor, individualmente, como acontecia antigamente, nem tampouco, contra outros praticantes de Capoeira. A luta da Capoeira, nos dias de hoje, deve ser contra qualquer tipo de opressão, discriminação e pela construção de uma sociedade mais justa, livre e democrática (p.2).

Vista sob essa ótica, a prática da Capoeira adquire dimensões bem mais amplas do que uma simples atividade corporal relacionada à uma determinada etnia, e passa a ter um significado de **prática social**, ampliando o eixo da discussão sobre as questões raciais e étnicas, para as questões de **classe social** dentro do sistema capitalista, pois envolve elementos importantes que podem levar a uma reflexão crítica sobre a realidade e o contexto social que envolve o seu praticante. GIROUX e SIMON (1994) afirmam que todo trabalho pedagógico deve “...começar pela nomeação e problematização das relações sociais, das experiências e das ideologias construídas por meio de formas de expressão popular...” e continuam dizendo que “...boa parte do trabalho político da pedagogia consiste em articular

práticas não somente dentro de determinados ambientes, mas também entre eles." (p.115). É uma oportunidade de estabelecer vínculos entre o que acontece na roda de Capoeira, e a sociedade, de uma forma mais ampla, trazendo novas possibilidades de interpretação dos fenômenos que mais diretamente atingem o cotidiano dos alunos. Segundo o COLETIVO DE AUTORES (1992), o tratamento a ser dado a conteúdos presentes em processos pedagógicos envolvendo temas da cultura corporal, deve partir de uma metodologia diferenciada e transformadora, capaz de priorizar um sentido/significado que possa:

... abranger a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança (ou outros temas que venham a compor um programa de Educação Física), têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais de trabalho, preconceitos sociais, raciais, distribuição de renda... (p.62).

Dessa forma, os educadores mais diretamente envolvidos com o processo ensino-aprendizagem da Capoeira, não podem se omitir do seu importante papel, pois segundo

GUTIÉRREZ (1988), a esta altura do século torna-se impossível, até para educadores medianamente conscientes, desligar as implicações econômicas, sociais e políticas de suas atividades pedagógicas.

Assumir essa importante tarefa, implica em adotar a postura questionadora e desafiadora que caracteriza um processo pedagógico baseado numa educação libertadora. Nesse sentido a Capoeira sempre foi uma contestação ao estabelecido. Ao inverter a lógica das coisas, quando fica de pernas para o ar subvertendo assim esse "olhar" para o mundo, o capoeirista exprime o sentido maior da dialética humana. Assim, cabe ao educador estabelecer "pontes" entre essas qualidades que caracterizam um bom capoeirista, com posturas a serem assumidas nas suas práticas sociais, ou seja, ser também um "bom capoeirista" no enfrentamento das dificuldades e obstáculos da vida e na construção da sua própria cidadania. Ao comentar sobre processos pedagógicos visando uma educação libertadora, FREIRE (1970), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, diz:

...o que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação

existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível de ação (p.86)

Um processo pedagógico que se utiliza da capoeira como tema privilegiado no âmbito da escola, seja como conteúdo da aula de Educação Física, seja como componente de um projeto curricular envolvendo outras disciplinas, tem condições de reunir todos os elementos indispensáveis à formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre a realidade que cerca o aluno, que por sua vez, tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito de uma práxis político-pedagógica, dentro dos princípios de uma educação libertadora.

Concordamos com VIEIRA e FALCÃO (1997) quando afirmam que o feitor de hoje se transfigurou e tem muito mais poder. Na maioria das vezes, ele está vinculado a estruturas responsáveis pela consolidação de um sistema perverso e também muito poderoso, que sob o discurso da modernidade, vem provocando a maior barbárie de todos os tempos em nosso país. E nesse aspecto, não podemos ficar indiferentes a essa situação,

principalmente na condição de educadores, pois temos o dever de posicionarmo-nos criticamente, propondo uma intervenção pedagógica que seja capaz de criar alternativas a esse modelo de sociedade vigente.

A Capoeira, em nossa opinião, representa uma possibilidade concreta na construção de soluções críticas e criativas como alternativas pedagógicas de intervenção, principalmente no que diz respeito ao trabalho voltado para as camadas mais carentes de nossa população. Passaremos a seguir, a descrever uma experiência que vem se consolidando nos últimos 3 anos na cidade de Salvador, como construção coletiva de uma dessas propostas.

A experiência do festival

No ano de 1996, a Secretaria Estadual de Educação da Bahia, através da Gerência de Ensino Fundamental, solicitou a consultoria de um grupo composto por 5 professores, docentes da rede estadual de ensino e da Universidade Federal da Bahia, para coordenarem o II Festival de Capoeira da Escola como continuidade do I

Festival, que havia sido implantado no ano anterior, e que tinha como objetivo selecionar um grupo de estudantes para representarem a Bahia nos JEB's (Jogos Escolares Brasileiros) daquele ano. Por entender que os objetivos de um Festival não poderiam ser o de selecionar e premiar os "melhores", esse grupo de professores propôs uma reformulação no projeto. Essa nova proposta que começava a ser gestada, não residia no simples fato da modificação do regulamento, mas no redimensionamento de toda a concepção do Festival, que se baseava agora em outros princípios: ao invés do atleta, o capoeirista, ao invés da competição, a cooperação, ao invés da disputa, a confraternização, ao invés da medalha, a lembrança, ao invés do jogo contra o adversário, o jogo com o parceiro. Enfim a possibilidade de tornar real a interação entre os alunos, e sua inserção crítica no universo da Capoeira.

O objetivo do II Festival de Capoeira da Escola foi então:

... possibilitar aos alunos da Rede Estadual de Ensino Fundamental e Médio de forma lúdica e prazerosa, a participação no IV Festival de Capoeira, considerando a construção do conhecimento sobre a capoeira, contem-

plando os múltiplos aspectos de referência sistematizados na compreensão dos mitos e rituais e preservando os valores sócio-histórico-culturais (1996).

O II Festival foi dividido em quatro momentos diferentes, mas não independentes, pois cada atividade tinha vínculo com toda a proposta do festival: as rodas de Capoeira, as apresentações culturais das escolas, as oficinas com mestres de Capoeira e a confraternização.

O momento da roda de Capoeira é muito significativo, pois é a roda que caracteriza a Capoeira enquanto uma manifestação de expressão da cultura do povo. A roda, durante o Festival, obedecia aos fundamentos, regras e rituais já consagrados no âmbito da capoeiragem, onde os participantes tinham a oportunidade, através do jogo de demonstrar corporalmente suas "habilidades". A roda era coordenada por dois professores, que controlavam a duração do tempo de jogo de cada dupla. Não era permitido compra de jogo, e os alunos de uma escola jogavam com alunos de outras escolas, já que cada roda era composta por alunos de quatro escolas diferentes que eram chamadas a cada vez.

No segundo momento, a apresentação de grupos culturais, era justamente a possibilidade de valorizar a criatividade do trabalho desenvolvido por cada escola. Os alunos tinham a oportunidade de criar e recriar as diversas expressões artísticas do povo brasileiro. Era um momento, onde muitas vezes eles conseguiram contextualizar a prática da Capoeira com a sua realidade, ou então tratavam de homenagear mestres reconhecidos da Capoeira, traziam a tona movimentos sociais de lutas de resistência da história do povo brasileiro, como os quilombos, Canudos e outros, recitavam poesias, promoviam espetáculos de dança, literatura de cordel, enfim as mais diversas formas possíveis de expressão. Cada escola tinha um tempo de dez minutos para a apresentação.

O terceiro momento era constituído pelas oficinas pedagógicas, que consistiam em ampliar os conhecimentos no universo da capoeiragem. Neste trabalho, geralmente, convidávamos mestres renomados na Capoeira. Cada oficina tratava de conhecimentos diferentes, como: toque de berimbau, construção de berimbau, construção de instrumentos de percussão, Capoeira Angola, Capoeira Regional, etc... e eles

tinham a oportunidade de escolher qual oficina gostariam de participar. As oficinas tinham um caráter de possibilitar aos alunos aprofundarem seus conhecimentos, tanto do ponto de vista prático como teórico.

Um outro dado importante, é que a comissão organizadora do Festival preocupou-se em valorizar também através da indumentária, a cultura afro-brasileira, quando instituiu a utilização por parte das crianças, do *Agbadá*, que segundo o Mestre Didi, é um nome de origem Yorubá e significa: amplo e longo blusão usado pelos homens africanos. Todos os alunos participantes receberam então o *Agbadá* como originariamente é utilizado nas casas de tradição africana: cores vivas – vermelho, branco e preto, com desenhos simbólicos de instrumentos usados na roda de capoeira como berimbaus, atabaques, agogôs, etc. Optamos por essa indumentária em oposição à calça e camisa branca de algodão, trajes popularmente utilizados na capoeira, por entendermos que essa vestimenta remete ao tempo da escravidão, onde os negros eram violentados e humilhados. Ao utilizarmos o *Agbadá*, priorizamos a valorização dos signos afro-brasileiros com referência nas tradições que dignificavam esse povo e essa cultura

em seu lugar de origem, a África. Entendemos que assim, caminhamos para uma educação verdadeiramente multi-cultural e pluriétnica.

Esse Festival teve a participação de aproximadamente 500 crianças e adolescentes de várias escolas públicas de Salvador, e durou três dias, onde foi garantido almoço e distribuição de água para todos os participantes. O III Festival de Capoeira da Escola, ocorrido em 1997, realizou-se praticamente nos moldes do anterior com apenas alguns ajustes e pequenas modificações no regulamento, porém o número de participantes cresceu consideravelmente, atingindo quase 800 crianças durante os três dias de duração.

Já no IV Festival, ocorrido em 1998, o número de participantes atingiu praticamente a mil crianças e foi acrescentado um outro momento que consistiu na exibição de filmes sobre capoeira. Exibimos vídeos referentes aos Festivais anteriores onde muitos tiveram oportunidade de se verem nas telas, além da exibição de vários documentários sobre o tema, onde percebíamos a expectativa e curiosidade dos alunos ao verem os antigos mestres jogando e falando sobre Capoeira.

Considerações finais

A partir da experiência construída ao longo de três anos, o Festival de Capoeira da Escola vem se consolidando como a concretização da possibilidade de uma abordagem diferenciada, no que diz respeito a encontros e eventos de grande porte que tenham como objetivo a integração e troca de experiências entre alunos das escolas públicas, e vem afirmar a valorização de uma expressão cultural importantíssima para o povo baiano e brasileiro, na perspectiva de ênfase nos aspectos histórico-sociais e na construção da identidade, da auto-estima e da cidadania de crianças e adolescentes da cidade de Salvador.

Independente da orientação político-ideológica dos órgãos oficiais gestores de políticas educacionais, temos sempre que buscar espaços para construirmos novas propostas de intervenção. Esperamos que essa experiência possa frutificar.

... lêêê ... joga menino, mostra o
que o Mestre ensinou,
mostra que arrancaram a planta,
mas a semente brotou,
e se for bem cultivada, dará bom
fruto e bela flor... (D.P.)

Bibliografia

BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*, São Paulo, Cortez, 1992.

DECANIO FILHO, Angelo A. *A Herança de Pastinha*, Salvador, Produção independente, 1996.

DIDI, Mestre. *História de um Terreiro Nagô*, Salvador, Max Livronad, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA., 1992

GIROUX, Henry e SIMON, Roger. *Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular*, in *Currículo, Cultura e Sociedade*-MOREIRA e SILVA (org.), São Paulo, Cortez, 1994.

GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação como práxis política*, São Paulo, Summus, 1988.

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura Negra em tempos Pós-Modernos*, Salvador, SECNEB, 1992.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998

REGO, Valdeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*, Salvador, Ed. Itapuã, 1968.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*, Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. *Regulamento do II Festival de Capoeira da Escola*, 1996.

VIEIRA, Luis Renato e FALCÃO, José L. Cirqueira. *Mentiras que parecem verdades: alguns sofismas sobre a Capoeira*, Goiânia (Conbrace), mimeo, 1997.

Endereço do autor:

Pedro R. J. Abib – Rua Bom Conselho, 17-E – Itapuã – Salvador(Ba) CEP 41.620-730

Tel (071) 249-3123 – res. ou 247-1822 r.50/51 – UFBA

e-mail: pedrabib@svn.com.br
